

Editora Zain

Floresta de lã e aço

Natsu Miyashita

TRADUÇÃO
Eunice Suenaga

zain

© Natsu Miyashita, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição japonesa publicada pela Bungeishunju Ltd., 2015.

Direitos de tradução desta edição adquiridos através da agência Bureau des Copyrights Français, Tóquio.

© Editora Zain, 2023

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Título original: *Hitsuji to Hagane no Mori*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

EDITOR RESPONSÁVEL

Matthias Zain

PROJETO DE CAPA E MIOLO

Julio Abreu

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Julia Panadés

PREPARAÇÃO

Cristina Yamazaki

REVISÃO

Juliana Cury | Algo Novo Editorial

Isadora Prospero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Miyashita, Natsu

Floresta de lã e aço / Natsu Miyashita ; tradução Eunice Suenaga.

– 1ª ed. – Belo Horizonte, MG : Zain, 2023.

Título original: *Hitsuji to Hagane no Mori*

ISBN 978-65-85603-06-5

1. Romance japonês I. Título.

23-176938

CDD-895.635

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura japonesa 895.635

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB-8/8415

A Zain agradece Bruno Pinheiro pela leitura prévia da obra.

Zain

R. São Paulo, 1665, sl. 304 – Lourdes

30170-132 – Belo Horizonte, MG

www.editorazain.com.br

contato@editorazain.com.br

[instagram.com/editorazain](https://www.instagram.com/editorazain)

Sumário

Floresta de lã e aço	9
Brevíssimo posfácio	199

Floresta de lã e aço

Senti cheiro de floresta. Uma floresta no outono, momentos antes de escurecer, com o vento a balançar as árvores e suas folhas. Cheiro de floresta já quase anoitecendo.

Mas não havia nenhuma floresta por perto. Eu sentia cheiro de outono seco e experimentava até a sensação do crepúsculo caindo, mas na verdade eu estava de pé em um canto do ginásio do colégio. As aulas já haviam terminado e eu era o aluno solitário que acompanhava o visitante.

Diante de mim havia um piano. Sim, um grande piano de cauda preto, imponente, com a tampa aberta. Ao lado, estava um homem de pé. Ele olhou de relance para mim, mas não dissemos nada. Quando pressionou algumas teclas, senti mais uma vez emanar, da floresta que havia ali, no interior daquele instrumento, o cheiro das árvores a balançar. A noite avançou mais um pouco. Eu tinha dezessete anos.

Como eu era o único na sala de aula naquele momento, o professor me incumbiu de acompanhar o visitante. Estávamos no segundo ano do ensino médio, já no final do período letivo, época das provas intermediárias, quando as atividades esportivas eram suspensas. Os estudantes iam para casa assim que as aulas acabavam. Como eu morava sozinho, não tinha ânimo para voltar ao apartamento solitário e, portanto, preferia estudar na biblioteca.

“Desculpe, Tomura”, assim dizendo, o professor continuou: “Tenho uma reunião de professores agora. O visitante vai chegar às quatro. É só acompanhá-lo até o ginásio”.

“Tá bom”, respondi. Era comum as pessoas me pedirem coisas. Talvez por se sentirem à vontade, ou talvez por acharem que eu não recusaria. Ou por parecer desocupado. De fato, naquela época não sabia como passar meu tempo. Não tinha obrigações e não havia nada que eu gostasse de fazer. Devo concluir o ensino médio e conseguir algum emprego, só quero poder sobreviver. É assim que eu pensava.

E mesmo que me pedissem com frequência, nunca eram tarefas significantes — estas eram para pessoas importantes. Já as tarefas comuns eram feitas por pessoas comuns, como deveria ser o caso do visitante, pensei.

Então me dei conta de que o professor apenas me pedira para acompanhar a pessoa até o ginásio. Não me disse quem era.

“Quem é o visitante?”

O professor, que estava prestes a deixar a sala de aula, virou-se para mim e respondeu:

“É o afinador.”

Essa palavra, *afinador*, não me era familiar. Será que é a pessoa que conserta o ar-condicionado? Se for mesmo, por que tenho que levá-la ao ginásio? Foi o que pensei, mas era algo sem muita importância.

Na sala de aula vazia, mais ou menos por uma hora, gastei o tempo lendo um livro de história do Japão, já que tinha prova no dia seguinte. Um pouco antes das quatro, fui à porta de entrada destinada aos funcionários da escola e avistei um senhor. Usava uma jaqueta marrom, carregava uma grande maleta e estava de pé, com a coluna ereta, do lado de fora da porta de vidro dos funcionários.

“O senhor veio ver o ar-condicionado?”, perguntei enquanto abria a porta por dentro.

“Sou Itadori, da loja de instrumentos musicais Etô.”

Instrumentos musicais? Então esse senhor de meia-idade talvez não fosse o visitante que eu deveria acompanhar. Podia ter perguntado o nome ao professor.

“O professor Kubota avisou que tinha uma reunião hoje. Eu só preciso ir até o piano, mais nada”, disse o senhor.

Kubota era o meu professor, quem me solicitara que acompanhasse a visita.

“Ele pediu para levar o senhor ao ginásio”, eu disse, oferecendo-lhe as pantufas marrons destinadas aos visitantes.

“Isso mesmo, hoje vim ver o piano do ginásio”, ele respondeu.

O que ele vai fazer com o piano? A pergunta surgiu brevemente, mas o meu interesse não foi além disso.

“Por aqui, por favor.”

Quando comecei a andar, o senhor seguiu logo atrás de mim. Sua maleta parecia pesada. Pensava em apenas acompanhá-lo até o piano e sair em seguida.

Ao chegarmos, ele apoiou a maleta no chão e fez um aceno de leve para mim. Está me dispensando, supus. Retribuí com outro aceno e me virei para sair. O ginásio, geralmente barulhento por conta dos treinos dos times de basquete ou vôlei, estava mergulhado em silêncio naquele dia. O sol da tarde penetrava pelas janelas que ficavam no alto.

Quando me dirigia ao corredor que ligava o ginásio a outras dependências, ouvi um som atrás de mim. Havia algo de concreto e palpável naquele som e, ao me virar um pouco, percebi que vinha do piano. Jamais teria adivinhado. Uma nostalgia tomou conta. Me trazia uma lembrança agradável, mesmo que eu não soubesse do quê.

O senhor continuou pressionando as teclas sem me dar atenção. Não tocava nada em especial; os sons ecoavam como se ele estivesse inspecionando as notas uma a uma. Depois de ficar um tempo parado, eu me aproximei do instrumento de novo.

Mesmo quando cheguei mais perto, o senhor não pareceu se importar. Ele se afastou das teclas e abriu a tampa do piano de cauda. A tampa que para mim parecia mais uma enorme asa

preta de um pássaro. Ao levantá-la, ele a apoiou com o suporte para que não se fechasse e pressionou uma tecla.

Senti cheiro de floresta. Os confins de uma floresta, momentos antes de anoitecer. Eu queria ir até lá, mas hesitava. É perigoso no escuro. Quando eu era pequeno, ouvira muitas histórias de crianças que se perderam na floresta e não conseguiram voltar. Não se deve entrar na floresta ao entardecer. O sol se põe muito mais rápido do que se imagina.

Quando dei por mim, o senhor estava abrindo a maleta. Havia ali muitas ferramentas que eu nunca vira. O que ele vai fazer com elas? Vai usar tudo aquilo no piano? Achei que não deveria perguntar. O ato de perguntar carrega uma responsabilidade. Sentia que ao perguntar e obter a resposta, a pessoa que perguntou deveria, por sua vez, replicar. Embora cheio de dúvidas em minha cabeça, não perguntei nada. Provavelmente porque eu não tinha nada para lhe oferecer de volta.

O que o senhor quer com o piano? O que deseja fazer dentro dele? Ou melhor: o que vai fazer com o piano? Naquela hora, não sabia o que queria perguntar. Continuo até hoje sem saber. Deveria ter perguntado, penso. Deveria ter lançado a dúvida que surgira dentro de mim mesmo que ela não tivesse assumido nenhuma forma. Penso nisso várias vezes. Se naquele momento tivesse conseguido expressá-la em palavras, não seria necessário continuar buscando a resposta. Claro, se a resposta fosse satisfatória.

Não perguntei nada e fiquei observando de pé, em silêncio, para não atrapalhar o trabalho.

Na época do ensino fundamental, havia um piano na escola em que estudei. Não era um piano de cauda como aquele, mas eu conhecia o tipo de som do instrumento e cantara várias vezes acompanhado por ele.

No entanto, senti que era a primeira vez que via aquele instrumento preto, enorme. Pelo menos a primeira vez que via

suas vísceras expostas sob aquela asa aberta. A sensação de um som que tocava minha pele também era nova.

Senti cheiro de floresta. Floresta no outono, de noite. Coloquei a minha bolsa no chão e observei de perto o som do instrumento que mudava gradualmente. Fiquei ali por quase duas horas, sem perceber o tempo passar.

No começo sentia apenas que era outono, de noite, mas tudo foi ficando mais nítido. Outono, mês de setembro, isso, início de setembro. Noite, logo no início, com pouca umidade, mais ou menos às seis horas de um dia ensolarado. Ainda era claro na cidade, mas no vilarejo entre as montanhas, nesse horário, os últimos raios solares eram obstruídos pela floresta e começava a escurecer. Conseguia sentir a presença próxima dos bichos da floresta prendendo a respiração, aguardando a chegada da noite para iniciar suas atividades. Um som suave, quente e profundo. Era o que vertia do piano.

“Esse piano é velho”, o senhor disse, talvez porque estivesse quase concluindo o trabalho. “E o som é bastante delicado.”

Ah, é? Só consegui balbuciar. Não sabia direito como era um som delicado.

“É um bom piano.”

Sim, assenti com a cabeça mais uma vez.

“Pois antigamente, as montanhas e os campos eram melhores.”

“Hã?”

Enquanto lustrava o piano com um pano que parecia macio, ele continuou:

“Antigamente, tanto nas montanhas como nos campos, as ovelhas comiam capim de boa qualidade.”

Lembrei dos carneiros pastando com tranquilidade na fazenda perto da casa dos meus pais, no meio das montanhas.

“Os feltros eram feitos de uma lã de boa qualidade, produzida por ovelhas de boa qualidade que comiam capim de boa qualidade. Hoje em dia, não se fabricam mais martelos bons como esses.”

Não tinha ideia do que ele estava falando.

“Os martelos têm relação com o piano?”, perguntei.

Nisso, o homem olhou para mim. Ele acenou com a cabeça mostrando um leve sorriso.

“Dentro do piano tem martelos.”

Nunca poderia ter imaginado.

“Quer dar uma olhada?”, perguntou.

Eu me aproximei.

“Quando você bate na tecla...”, ele disse.

PLIIIM, ecoou o som do piano. Uma peça se levantou no interior e tocou um fio.

“Viu? Esta corda foi golpeada pelo martelo. E a ponta dos martelos é revestida por feltro.”

PLIIIM, PLIIIM, os sons ecoaram, mas eu não sabia se eles eram delicados ou não. No entanto, conseguia visualizar a floresta no início de setembro, mais ou menos às seis da tarde, horário em que começava a escurecer.

“Você está bem?”, o senhor perguntou.

“Ficou bem mais definida do que antes”, respondi.

“O que ficou mais definida?”

“A paisagem sonora.”

Conseguia visualizar nitidamente a paisagem que o som evocava. Agora que os trabalhos haviam sido concluídos, a paisagem ficara bem mais vívida do que quando o piano fora tocado pela primeira vez.

“Por acaso a madeira usada no piano é de pinheiro?”

O homem acenou de leve com a cabeça.

“É de uma árvore chamada abeto. É um tipo de pinheiro, sim.”

Perguntei então, com certa convicção:

“Por acaso é de pinheiro extraído de alguma montanha na cordilheira Daisetsu?”

Era por isso que eu conseguia visualizar a paisagem. Era a paisagem daquela floresta. Por isso o som tocava tanto o meu

coração. Porque era a floresta daquela montanha que estava sendo tocada.

“Não, a madeira é importada. Deve ser alguma árvore da América do Norte.”

A expectativa foi abruptamente frustrada. Talvez todas as florestas emitissem o mesmo tipo de som, onde quer que se localizassem. Talvez todo início de noite fosse silencioso, profundo e um pouco intimidante.

O senhor fechou a tampa que estava aberta igual à asa de um pássaro e começou a lustrar a superfície com um pano.

“Você toca piano?”, ele perguntou com uma voz tranquila.

Como seria bom se pudesse responder que sim. Como seria bom se fosse capaz de tocar piano e expressar tantas coisas belas como a floresta e a noite.

“Não.”

Na realidade, nunca sequer tocara num piano.

“Mas você gosta de piano?”

Não sabia se gostava ou não. Pela primeira vez na vida tinha prestado atenção num piano.

Permaneci calado, mas o senhor parecia não se importar muito. Ele guardou o pano com que lustrara o piano, fechou a maleta e afivelou o fecho.

Em seguida se virou para mim, pegou os cartões de visita do bolso da jaqueta e me entregou um. Era a primeira vez que um adulto me entregava um cartão de visita.

“Se tem interesse, venha ver os pianos.”

Embaixo do nome da loja de instrumentos musicais estava escrito:

Soichirô Itadori

Afinador de pianos

“Posso ir mesmo?”, a pergunta saiu quase involuntariamente.

Por que perguntar? Era claro que sim. Ele estava me convidando, claro que podia ir. Ele está me autorizando, pensei. “Claro”, Itadori assentiu com um sorriso.

Nunca esqueci aquele episódio. Um dia fui visitar a loja.

Itadori estava prestes a sair para atender um cliente. Enquanto caminhávamos lado a lado até o estacionamento que ficava atrás da loja, perguntei sem rodeios:

“O senhor me aceitaria como discípulo?”

Sem rir nem se mostrar surpreso, Itadori apenas encarou o meu rosto com um semblante tranquilo. Em seguida, deixou sua maleta no chão, pegou uma caneta esferográfica e escreveu algo na pequena caderneta que retirara do bolso. Depois arrancou a folha e me entregou.

Nela tinha o nome de uma escola.

“Eu sou um simples afinador. Não tenho condição de ter discípulos. Mas se você quer realmente aprender a afinar piano, recomendo essa escola.”

Foi assim que decidi convencer a minha família. Tão logo concluí o ensino médio, fui estudar lá. Não sei o quanto eles compreenderam a decisão. No vilarejo no meio da montanha onde nasci e cresci, só se podia fazer o ensino fundamental. Depois que concluíam a educação obrigatória, todos desciam a montanha para fazer o ensino médio. Esse era o destino das crianças da montanha.

Mesmo crescendo juntos, havia aqueles que se davam bem morando sozinhos, e os que não se acostumavam. Os que conseguiam se adaptar em meio a muitas pessoas e à escola nova, e os que não conseguiam. Os que voltavam à montanha um dia, e os que vagavam e chegavam a um lugar completamente diferente. Não que um fosse melhor do que outro, não era sequer uma opção pessoal; a pessoa fazia parte de um grupo ou

de outro. Era algo que acontecia naturalmente, quando menos se esperava. E eu acabei me encontrando. O cheiro das florestas me revelara um novo mundo, da afinação de pianos. Não podia mais voltar à montanha.

Foi quando saí de Hokkaido pela primeira vez na vida. Passei dois anos estudando numa escola profissionalizante para formação de afinadores de piano, na ilha principal do país. Ou seja, gastei dois anos só para aprender as técnicas de afinação numa sala de aula simples, anexa a uma fábrica de pianos. Na turma, éramos sete alunos.

Estudava desde a manhã até a noite. Como as aulas eram numa espécie de depósito da fábrica, o local era quente no verão e frio no inverno. Fazia parte das aulas práticas a manutenção e regulagem inteira de um piano, até mesmo a aplicação de verniz na parte externa. As tarefas eram difíceis e eu me empenhava até tarde da noite, desesperado, sentindo-me incapaz de concluir tudo. Será que adentrei numa floresta onde se falava que, uma vez dentro, era impossível sair? Cheguei a pensar nisso várias vezes. Tudo parecia denso e escuro à minha frente.

Apesar disso, não sei por quê, não desanimei. Do piano que eu afinava não exalava nenhum perfume de floresta, mesmo com o passar do tempo, porém nunca esqueci aquele cheiro. Contando só com aquela lembrança, concluí os estudos de dois anos. Embora não soubesse tocar piano, e não tivesse um ouvido apurado, tornei-me capaz de afinar em 440 Hz a quadragésima nona tecla do piano, o Lá acima do Dó médio. E, com isso, conseguia afinar toda a escala musical. Em dois anos. Um período que parecia curto, mas, ao mesmo tempo, longo.

Concluí o curso com os seis colegas de turma e arranjei um emprego numa loja de instrumentos musicais na cidade próxima à minha terra natal. A mesma loja onde Itadori trabalhava. Por sorte, um afinador tinha acabado de pedir as contas.

A loja de instrumentos musicais Etô vendia principalmente pianos. O dono, sr. Etô, quase nunca ficava no estabelecimento. Havia quatro afinadores e, mesmo contando a recepcionista e os funcionários encarregados de serviços administrativos e vendas, eram dez funcionários no total. Uma loja pequena.

Nos primeiros seis meses, passei por uma formação. Atendia as ligações, fazia os trabalhos administrativos da escola de música anexa, vendia instrumentos musicais e recebia os clientes. Quando sobrava tempo, era permitido afinar os instrumentos para praticar.

No piso térreo funcionavam o showroom onde os pianos ficavam expostos, a livraria onde eram vendidas partituras e livros, dois cômodos para aulas particulares e uma pequena sala de apresentação, onde cabiam algumas dezenas de pessoas. Costumávamos trabalhar no escritório que ficava no piso superior, onde, além do escritório, ficava a sala de reuniões e a sala de estar. O espaço restante era usado como depósito.

A loja tinha seis pianos e podíamos usá-los para praticar sempre que sobrava tempo. Como havia muitas coisas a serem feitas durante o horário do expediente, eu só conseguia me exercitar à noite.

Na loja de instrumentos musicais deserta, à noite, abro a tampa do piano de cauda preto. Sinto um silêncio indescritível, parece que o meu coração fica mais leve e se abre, mas sinto uma contração no âmago do meu ser. O diapasão vibra. Os nervos se apuram, tensos.

Vou afinando, corda por corda. Mas, por mais que tente, há algo que não se encaixa. Não consigo controlar bem as frequências do som. Mesmo que estejam corretas, elas ainda soam oscilantes. É esperado que o afinador de pianos faça mais do que apenas regular cada nota. Mas estou estagnado e não consigo ir além desse ponto.

A sensação é de me debater em uma piscina onde pulei acreditando conseguir nadar. Mesmo mexendo os braços não

sinto que estou avançando. Todas as noites, diante do piano, eu me debato na água, soltando espuma da boca, às vezes chutando o fundo da piscina na tentativa de avançar o mínimo que seja.

Difícilmente via Itadori. Ele afinava com frequência o piano da pequena sala de apresentação e recebia muitos pedidos de clientes. Estava sempre tão atarefado que quase nunca parava na loja. Às vezes não o via nenhuma vez ao longo de uma semana, pois de manhã ele ia direto atender os clientes e à noite voltava direto para casa, sem passar na loja.

Queria muito ver Itadori afinando um piano. Queria receber orientação técnica dele e, acima de tudo, ouvir mais uma vez, com os meus próprios ouvidos, o timbre ficar cada vez mais límpido à medida que ele afinava um piano.

Provavelmente esse meu desejo transparecia na minha fisionomia, porque, quando me via, nos poucos minutos que tinha antes de sair para visitar os clientes, ele me dirigia algumas palavras.

“Você não pode ter pressa. Tem que ir passo a passo, com persistência.”

Entendi. Passo a passo, com persistência. É imenso o trabalho de um afinador, um acúmulo de pequenos passos a perder de vista.

Ficava feliz só pelo fato de Itadori me dar um pouco de atenção. Mas não me sentia de todo satisfeito. Um dia corri atrás dele quando ele estava saindo da loja.

“Como faço para seguir passo a passo? Qual é o jeito certo?”, eu estava desesperado.

Vendo-me ofegante, Itadori fez uma cara enigmática.

“No nosso trabalho, não existe certo ou errado. Tome cuidado com essas palavras.”

Assim dizendo, ele mexeu o pescoço algumas vezes, como

se concordasse consigo mesmo. E continuou, abrindo a porta de serviço que dava para o estacionamento:

“Persistência. *Hit and run*.”

Então persistência tem a ver com beisebol? Pode ser usada uma metáfora assim, tão difícil de entender?

“Não se pode tentar um *home run*?”, perguntei segurando a porta aberta.

Itadori me encarou.

“A última coisa que você deseja é acertar um *home run*.”

Era um conselho compreensível, mas ao mesmo tempo incompreensível. Tenho que tomar cuidado quando uso a palavra “certo”, pensei.

Persistente, eu afinava os pianos da loja, sem pressa. Um por dia. Depois de afinar todos os seis, voltava para o primeiro e recomeçava, mudando o timbre.

Apenas após seis meses de experiência os novatos tinham permissão para afinar o piano dos clientes. O afinador que pedira as contas logo antes de eu entrar demorara mais, só conseguira fazer isso depois de um ano e meio. Fiquei sabendo disso através do meu colega de trabalho Yanagi, que tinha sete anos de experiência.

“Ele também tinha concluído o curso de formação para afinadores de piano. De fato, tem gente que leva jeito para isso, tem gente que não.”

Senti um desconforto ao ouvir isso. Era assustador saber que existia a possibilidade de eu não levar jeito, por mais que me esforçasse.

“Bom, para um afinador, o importante não é só a técnica de afinação”, disse Yanagi batendo de leve no meu ombro.

Eu não tinha confiança na minha técnica. Tinha concluído uma formação rígida, mas com muito esforço só conseguira aprender o básico. Diante de um piano abandonado por muito

tempo, sem nenhuma manutenção, a única coisa que conseguia fazer era identificar os sons desafinados, ajustar as frequências e afinar uma escala musical, com dificuldade. O resultado ficava muito aquém dos sons considerados belos. Eu sabia muito bem disso, sabia mais do que ninguém que era esse o meu nível.

Eu não tinha confiança nem ao menos na minha técnica. Se existem coisas mais importantes, como posso dar conta de tudo?

Talvez por ter percebido a minha apreensão, Yanagi disse sorrindo:

“Não se preocupe. Basta você mostrar confiança. Ou melhor, é preferível se mostrar confiante. Ninguém vai confiar num afinador inseguro.”

“Desculpe.”

“Não, agora não é o momento de pedir desculpas. Você tem que mostrar confiança”, disse Yanagi rindo.

Ele tinha bem mais experiência do que eu, mas não se mostrava soberbo nem se gabava da carreira. O que me deixava bastante aliviado.

Como eu passara boa parte da minha vida em comunidades pequenas, não compreendia direito como funcionava a hierarquia. Porque mesmo onde não há hierarquia claramente definida, existem relações de poder. Sempre havia algo considerado superior e algo inferior. Por exemplo, entre novatos e veteranos. Entre vilarejo e cidade grande. Entre os que chegaram antes e os que chegaram depois. Entre o grande e o pequeno. Sim, são diferentes, não são iguais, mas eu não entendia as dinâmicas nas relações hierárquicas.

Além de persistir na prática de afinar pianos, ouvia insistentemente música para piano. Como praticamente nunca ouvira música clássica até concluir o ensino médio, foi uma experiência bastante nova para mim. Logo me apaixonei e dormia toda noite ouvindo Mozart, Beethoven e Chopin.

Eu nem sequer tinha conhecimento de que uma mesma música podia ser tocada por diversos pianistas. Como não era capaz de comparar as interpretações, tentei escutar o maior número possível de gravações, tomando cuidado para não repetir sempre o mesmo pianista. Eu me apegava ao que escutava primeiro, assim como o pintinho que acaba de sair do ovo considera seu genitor o primeiro ser que avista à sua frente. Sempre que escutava uma música nova, achava que aquela primeira interpretação era a melhor. Mesmo que fosse muito particular, tornava-se a minha referência.

Ao que mais eu me dedicava? Sempre que tinha tempo, ficava diante do piano, abria a tampa e observava seu interior. Havia oitenta e oito teclas, e de cada uma delas saía de uma a três cordas. Toda vez que via as cordas revestidas de cobre bem tensas, e os martelos enfileirados prontos para golpear as cordas, eu sentia a minha espinha dorsal se aprumar. Como era bela e harmoniosa a floresta que emanava daqueles pianos.

Até encontrar o piano eu não reparava nas coisas belas. Para mim, as palavras “belo” e “certo” eram uma novidade. Não que desconhecesse o belo, não era isso. Eu estava rodeado de coisas belas, só não me dava conta. Foi assim que, depois que conheci o piano, descobri várias coisas belas na minha memória.

Por exemplo, o chá preto com leite que minha avó preparava de vez em quando, na época em que eu morava com a minha família. Ao adicionar leite, o chá ficava com a cor de um rio turvo após uma chuva forte. Eu imaginava que poderia até haver um peixinho escondido no fundo do chá. Quando ele era servido na xícara, eu ficava admirado, observando por um bom tempo o líquido que se movia. Aquilo, sim, era belo.

Ou as rugas entre as sobrancelhas de um bebê que chora. As dobras no rosto rosado, contorcido com força, que exprimem uma intensa vontade de viver. Eu ficava comovido ao ver de perto. Aquilo também era belo.

Havia também as árvores nuas, sem folhas. Quando a primavera tardia chegava na montanha, começavam a nascer folhas em todas as árvores de uma só vez. Um pouco antes desse momento, a ponta dos galhos parecia intumescer. Por causa dos inúmeros galhos levemente rosados na ponta, toda a montanha ficava irradiante. Eu via esse cenário todos os anos. Diante da chama imaginária da montanha pegando fogo, eu me sentia esmagado e perplexo, completamente paralisado. E o fato de não conseguir fazer nada me deixava feliz. Eu simplesmente interrompia os passos e respirava fundo. E sentia o meu coração palpitar diante da iminência da primavera e da floresta prestes a ser coberta por folhas tenras.

Talvez eu não tivesse mudado muito desde aquela época. Eu ficava paralisado diante de coisas belas. Era impossível deixar as árvores, as montanhas e as estações estagnadas e eu tampouco conseguia fazer parte delas. Mas descobrira que era aquilo, sim, que chamavam de belo. Eu me sentia libertado de conseguir transformar aquilo em palavra, de conseguir chamar algo de “belo”. Podia apontá-lo, dividir com as pessoas. Havia um baú carregado de beleza dentro do meu corpo, e a mim cabia apenas abrir a sua tampa.

As coisas que até então eu não conseguia descrever como belas surgiam de várias partes da minha memória e saltavam para dentro desse baú, como que atraídas por um ímã. Como eram belos os galhos com a ponta intumescida e as folhas tenras que nasciam em seguida, simultaneamente. Reconhecia a beleza, mas ficava também perplexo por ser algo tão natural. Era, ao mesmo tempo, banal e milagroso. A beleza provavelmente estava oculta em todos os lugares, eu é que não percebia. Até um dia eu me dar conta da sua existência. Assim como aconteceu no ginásio do colégio, depois das aulas.

Se o piano conseguia, como um milagre, captar as coisas belas à nossa volta e lhes dar forma, levando-as aos ouvidos das pessoas, então eu seria seu servo com todo o prazer.